ANO 2.º LISBOA--SABADO, 15 DE JULHO DE 1922 N.º 393

# Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

TRANSCREVEMOS do *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, a seguinte anecdota que se passou entre um jornalista e Gago Coutinho:

«Gago Coutinho é baixo, moreno, os poucos cabelos quasi brancos. Não fala muito. Não gosta mesmo de falar. Se lhe fazem uma pregunta, responde com doçura, mas tambem com brevidade. Nota-se que está exausto da viagem, apezar da sua vida ter sido sempre assim cheia de longos cansaços e de crueis privações. Por muito ter sofrido, talvez é que o seu sorriso é tão meigo e o seu olhar tão melancolico.

Aproximamos-nos dele, abraçando-o comovidamente.

— O senhor é de jornal? Muito prazer. Mas quem lhe vai contar o que se passou comnosco não sou eu; é o Sacadura.

O Sacadura só é que sabe falar. Eu... eu sou Gago.

E afastou-se, risonho na direcção de uma porta, a porta do seu aposento.

Gorára a nossa entrevista.»

* * *

A BORDO do paquete *Porto Alexandre*, vão para Loanda 400 degredados. São todos eles vencidos... do crime.

Ainda um dia voltarão regenerados?

Esta pregunta faz rir os criminalistas. Com rarissimas excepções, os criminosos não teem redenção possivel. A sua alma é vitima de erros de cronologia, pois, como criaturas de relva e encrusilhada, não podem adaptar-se á civilisação.

O crime é uma tentativa feroz de regresso á idade da pedra lascada. Como o tempo não é penetravel, eles praticam a obra do mal no momento e logar em que se encontram.

A's vezes são tão desageitados que nem sabem lavar das mãos o sangue que os compromete!

* * *

SEGUNDO o senador sr. Ferreira Simas, algumas escolas primarias superiores nem teem casa para funcionar.

Isto não deve ser uma razão contra a sua existencia, pois acontece o mesmo a algumas familias a constituir e outras já constituidas.

O importante, por agora, é viver. A forma não interessa tanto. De resto, ha escolas primarias superiores que muito ganhariam em passar ao estado de sedutoras esperanças.

* * *

DIZ-SE que os oficiais presos como implicados no 19 de Outubro, caso venham a ser submetidos a julgamento, este não se poderá realizar, antes que o juiz auditor, promotor e advogados conheçam os respectivos processos—o que ainda demorará muitas semanas.

* * *

COMEÇAREMOS a publicar, na segunda-feira proxima, uma serie de interessantissimas cronicas que do Rio de Janeiro nos enviou o nosso querido camarada Norberto Lopes.

* * *

LÊR no proximo numero do *Diario de Lisboa* uma carta do sr. dr. Rocha Peixoto, que é uma resposta ao nosso presado colega *A Epoca*, e a cronica financira do nosso colaborador A. R,

* * *

O *Diario de Lisboa* só se referirá a livros cujos autores ou livreiros nos enviem dois exemplares oferecidos á nossa redacção.

# *Alvaro Pires d'Evora*

Nada mais futil nas questões historicas do que uma discussão de prioridades e, entretanto, quando a reivindicação é justa, nada mais legitimo. Por isso, ao ler no *Diario de Lisboa* a reclamação de prioridade do sr. Carlos Lopo ácerca do quadro de Pisa, procurei o artigo do *Seculo* a que s. ex.ª se referia (e eu de facto não conhecia) no sincero desejo de lhe fazer justiça, tanto mais que o seu entusiasmo ao descobrir o pintor, as suas tentativas para o fotografar e divulgar, a sua desinteressada comunicação, emfim, ao dr. José de Figueiredo, só nos mereciam resposta e uma grata deferencia.

Rebusquei os numeros do *Seculo* á roda do inverno de 1912 e no de 5 de março de 1913 encontrei um extenso artigo do dr. José de Figueiredo sobre o *Museu de Arte Antiga* que terminava dizendo que o sr. Carlos... Lopo? lhe escrevera de Florença contando ter encontrado em Pisa um quadro português de grande valor assinado *Alvaro Pires d'Evora.*

Assim, pois, o dr. Carlos Lopo vira em 1912 a Madona de Pisa, reconhecera o seu merito, devendo ter sido um dos primeiros portugueses, talvez mesmo o primeiro que a viu.

Mas, estabelecida esta prioridade que o sr. Carlos Lopo não reclama, vejo-me em serios embaraços, para lhe reconhecer aquelas que na realidade reivindica.

E não sou eu que lhas disputo... O sub-titulo do seu artigo diz-se: *antes de R. S. já C. L. descobrira* o quadro de Pisa, e logo ao começo escreve: *venho reclamar a prioridade de ter sido eu quem deu a conhecer aos meus compatriotas a existencia do formosissimo quadro.*

Asseguro-lhe que me contrista tirar-lhe essa dupla ilusão, mas nem eu ao procurar intencionalmente em Santa Croce a Madona de Alvaro, nem v. ex.ª ao tê-la encontrado antes inesperadamente em Pisa, *a descobrimos senão para nós*, porque para a historia da Arte, foi Milanesi, como eu lembrei, que no meado do seculo passado *a descobrio*, descrevendo precisamente a sua situação, o assunto e o seu grande valor, transcrevendo a assinatura *Alvaro Pires d'Evora, pintor* (aliás em vez de *pintou* como lá está).

O sub-titulo para ser justo deveria dizer: *Antes de R. S. e C. L. já Milanesi descobrira o quadro de Pisa*, etc., mas isso afinal corresponderia ao que eu tinha escrito, porque foi justamente pelas indicações precisas de Milanesi que eu procurei a Madona em Santa Croce.

Quanto a dá-la a conhecer aos compatriotas, é preciso distinguir entre revelar simplesmente a *sua existencia* e caracterisá-la sob o ponto de vista artistico.

É justo reconhecer que o sr. Carlos Lopo apenas reclama a prioridade de ter dado a conhecer aos seus compatriotas a *Madona* e não a *obra* de Alvaro Pires. Mas, pelo artigo do *Seculo*, a existencia da Madona de Pico ficou *confirmada* mas não *revelada* entre nós, porque fôra o sr. Joaquim de Vasconcelos que em 1896, no *Francisco d'Hollanda* (Porto, 1896) ao transcrever a nota de Milanesi, tornara conhecida em Portugal a existencia do quadro e da assignatura *Alvaro Pires d'Evora.*

É evidente que é com maior boa fé e sinceridade que o sr. Carlos Lopo reclama a sua prioridade, porque, de facto, ignorando estes precedentes, encontrou o quadro e revelou-nos a sua descoberta.

Mas a historia é terrivel e sem piedade para as ilusões mais legitimas e é a Milanesi (1846) e ao sr. Joaquim de Vasconcelos (1896) e não a mim, que o sr. Carlos Lopo terá de disputar a prioridade que eu de bom grado lhe abandonaria, tal é a simpatia que me merecem a sua dedicação e interesse pela arte nacional.

Quanto a reunir a *obra*, caracterisa-la sob o ponto de vista artistico e revela-la emfim pela fotografia, é esse um trabalho ainda por fazer, mas de que muito brevemente sairá o primeiro ensaio. O artigo a que o sr. Carlos Lopo teve a gentileza de se referir com palavras tão amaveis foi apenas o esboço duma realisação mais ampla.

*Reynaldo dos Santos.*

**Um beijo do outono e um par da primavera**

POR nos parecer justa nas suas considerações, publicamos a carta que segue:

*Sr. director*—Agradeço-lhe muito o pouco que fez inserir no seu magnifico *Diario*, a respeito da situação dos proprietarios de predios rusticos. Comigo estão neste agradecimento todos os que sofrem as consequencias dos desvarios dos governantes e do seu desleixo.

Permitiram-se mudanças em todos os contractos de companhias! Pois nós nom tanto queremos. Apenas desejamos que os arrendatarios nos paguem pelo que contractaram connosco! Que nos paguem na mesma moeda, isto é, que nos paguem com o valor que lhe era dado á data do arrendamento ou então com os generos dos predios pelo preço que tinham nessa ocasião.

Que culpa tivemos nós de que as notas perdessem o seu valor?

Agora, que se vão discutir as propostas de finanças, e a fantastica proposta sobre inquilinato bem podia v. advogar a nossa causa e fique certo de que os proprietarios lhe seriam reconhecidos.

Subscrevo-me respeitosamente—De v. etc. *Ferreira Falcão.*

* * *

AS pensionistas do Montepio Oficial, que ha muito tempo esperam aumento de subvenções, estão atravessando momentos terriveis que devem merecer aos poderes publicos cuidadosa atenção. Existe um projecto destinado a melhorar-lhes a situação, já aprovado no Senado depois dum largo compasso de espera. Esse projecto está dormindo um somno na Camara dos Deputados—um somno que, por muito prolongado, mais se assemelha a uma encefalite letargica.

Não haveria maneira de dedicar uns rapidos minutos á tarefa humana de faze-lo despertar?

* * *

DA cadeia de Alvaiazere evadiram-se dois presos, que deviam responder ainda este mez em audiencia de juri.

Como se trata de pessoas indesejaveis, pode muito bem acontecer que se escondam, até que novos crimes lhes acrescentem a notoriedade. Visto as nossas prisões serem frageis como o vidro, eles teem muitas probabilidades, depois de varios arrombamentos, de acabarem como vitimas duma sociedade que nem ao menos se soube defender dos seus ataques.

* * *

FREDERICO Pereira, antigo consul geral de Portugal em Bangkok, publicou há pouco um poema—*A Omniada* que dedica á humanidade. Ataca a guerra. Embora não tivessemos tempo ainda para o lêr todo, declaramos desde já que não é uma obra vulgar, se bem que seja um tanto desconexa como composição. Consagrar-lhe-hemos uma apreciação especial. A edição pertence á livraria Portugal e Brasil.

* * *

WELLS apresenta-se como candidato trabalhista, nas proximas eleições. Não temos elementos para avaliar se conseguirá tomar assento na Camara dos Comuns. Reveste-se de importancia, porém, o facto de ele se decidir a defender as suas ideias pela palavra. Presente que terminou o tempo das *antecipações* para começar o das *realisações?*

* * *

RECEBEMOS o caloroso, vibrantissimo manifesto —*¡Mais Alá!* que dois jovens poetas galegos, Manuel Antonio e Alvaro Cebreiro, dirigem á mocidade intelectual da sua terra.

# Bastidores

## José Ricardo responde a Jorge Grave

*Sr. director*—Pela ultima vez—garanto—venho pedir á sua bondade e gentileza um cantinho do vosso diario, unicamente para responder ao meu colega Jorge Grave que, ou não leu o que escrevi aqui, no dia 11 deste mês, ou leu muito por alto; aliás, não sairia á estacada com umas ingenuidades que atropelam os factos e que não comovem um veterano como eu, com 46 anos de campanha.

Vou, pois, repetir algumas passagens do que escrevi, mas só para o colega Grave—rapidamente—para não massar o publico a quem estes assuntos são indiferentes, nem abusar da generosidade de v.

Ficou assente e combinado na ultima Assembleia Geral que o teatro Nacional ficaria aberto no verão.

Eduardo Brazão declarou que não trabalharia nessa temporada. Eu declarei que, após vinte dias de repouso, me apresentaria para trabalhar. (Pelo que me consta, ainda viria muito a tempo, das aguas, para estudar e representar o meu papel). A actriz Ilda Stichini com o seu silencio tacitamente concordou em trabalhar tambem no verão no Nacional.

Pregunto: nesse momento pensavamos, por ventura, eu e Ilda Stichini, em «tournées»?

Não se recorda que há três meses eu projectava uma «tournée», como é colega projectava a sua, e que fomos dissuadidos de a realizar pelo sr. administrador e por um seu amigo muito prestavel, dizendo-nos que o teatro ficaria aberto no verão?

Recuando: Foi depois da tabela afixada, em que eram dispensados os artistas depois do dia 30 de junho, tabela que a todos surpreendeu, ficando o colega Grave tão mal humorado que me disse no salão: Não quero saber; a mim hão de pagar-me o ordenado porque me fizeram perder um negocio para o S. Luís. Foi só depois de o vêr falando com diversos artistas (aqueles com quem o vi falar não estavam em suas casas nessa ocasião!) foi só quando me excluiu a mim e a Ilda Stichini (que embora não tivesse papel na peça projectada, era um dever de camaradagem e delicadeza ter para com ela atenções, apesar do colega Grave ter escrito na sua carta «que convidou quem muito bem quiz, num direito que lhe assistia,) foi só depois que soube da passagem dos artistas para o Eden que eu deliberei fazer a «tournée» com Ilda Sticini.

Assim é que está certo.

Foi então que pedi ao sr. administrador do teatro a cedencia de três peças do meu repertorio e de Ilda Stichini, cedendo-me ele sem relutancia o «Centenario», a «Simone», e recusando-me a «Carta anonima» sob pretexto que a tinha cedido ao colega Grave. Ora, a «Carta anonima» foi proibida pelo sr. comissario do governo, transigindo depois e consentindo a sua representação sómente no Carnaval, mas que, pelo exito que obteve, representou-se até além da Quaresma.

Foi quando disse ao sr. Administrador que, por equidade, e tratando-se de societarios, cedesse as três peças aos dois grupos.

Portugal ainda é bastante grande para que duas companhias possam representar as mesmas peças sem se encontrarem nas mesmas terras.

Combinação de itinerario, nada mais. Além disso, quem tem medo compra um cão.

Eu sabia perfeitamente que o sr. Grave tinha autorização dos tradutores para representar a «Carta Anonima» na provincia, o que não impediu de a obter eu tambem dos tradutores que gostosamente acederam, já porque da «tournée» fazia parte a actriz que creou a peça, já porque o desempenho que lhe dariam José Ricardo e Samwel Diniz não envergonharia a representação.

Não houve, pois, «alguem que por artes de berliques e berloques» conseguiu a autorização. Foram apenas os berliques do colega e os berloques deste seu camarada.

No fundo luta de interesses, mas da minha parte luta franca, leal, com as armas de que disponho.

Fico por aqui. Esta é a ultima!

Não tenho absolutamente nenhuma má vontade contra o meu colega Jorge Grave. E' um trabalhador que procura ganhar a sua vida como eu. Não ha nada mais respeitavel.

Mais uma vez, receba, sr. director, os protestos do meu reconhecimento, com as minhas desculpas de lhe ter roubado tanto espaço para assuntos tão... teatrais!

Vosso, *José Ricardo*,

# No Teatro Chiado Terrasse

## A estreia de Adelina Fernandes na revista «Tiro ao alvo»

E' esta noite que a querida e popular actriz Adelina Fernandes, uma das nossas mais graciosas estrelas de revista, reaparece no «Tiro ao Alvo», em scena no Teatro Chiado Terrasse.

Figurinha insinuante de mulher, possuidora dum talento real que se impôs á consideração dos verdadeiros apreciadores do teatro musicado, Adelina Fernandes, com a sua voz melodiosa, é hoje a unica artista que possui o supremo condão de arrebatar o publico cantando fados ou canções da nossa terra.

A sua reaparição, esta noite, no Chiado Terrasse, constitui um acontecimento de grandioso interesse e o elegante teatro vai ser pequeno para conter todos os admiradores da gentilissima artista.

Representa-se, em duas sessões, ás 8 3|4 e 10 3|4 da noite, a festejada revista «Tiro ao alvo», ampliada com o quadro «Romarias» e o novo numero de grande sucesso «Os Cirios».

TONICO RACIONAL E SCIENTIFICO
Superior aos similares estrangeiros e nacionais
Usado pessoalmente pelos
nossos primeiros medicos
CURA A
Tuberculose, Anemia, Falta de forças e de apetite
Farmacia Formosinho
18 — Praça dos Restauradores — 18


# SOBRE A MESA

# Cronica de livros

POR

# Norberto de Araujo

## "Eça de Queiroz, In-memoriam", organizado por Eloy do Amaral e Cardoso Marta — "O meu breviario", por D. Alberto Bramão

Pode considerar-se absolutamente notavel o volume *In-memoriam*, da evocação literaria e artistica de Eça de Queiroz, organizado por Cardoso Marta e Eloy do Amaral. De um alto interesse critico, bibliografico mesmo, pleno de anotações e revelações este *In-memoriam*, onde aparece alguma coisa de novo e de sincero sobre Eça de Queiroz, mereceu bem o interesse que despertou no mundo literario, e na larga esfera de admiradores e apaixonados de Eça de Queiroz. Certamente não é a organização deste *In-memoriam* que haveria a comentar. Ela resume-se á compilação de artigos e anotações, alguns artigos e notas demasiado futeis, das que são mesmo assinadas por nomes distintos e consagrados nas letras. O esforço e o intuito dos organizadores, dos quais salientamos o nosso colaborador e amigo Cardoso Marta, esse, sim, é que, sem critica, é digno de um encomio sincero e desapaixonado.

*In-memoriam*, porém, apesar da fraqueza de alguns juizos criticos e anotadores, reune alguns notaveis artigos, e que são formosas paginas para a escrupulosa, rigorosa biografia do artista scintilante, modelador de ideias criticas, que foi o autor da *Ilustre Casa de Ramires*.

Eça, na observação preciosa de Raul Brandão—um dos colaboradores do livro—Eça a uma certa altura da sua vida sái do realismo e entra francamente na ternura por feminina mão. E' a segunda fase de um escritor predestinado. «Eça percebe então que ha na vida coisas simples, que são coisas eternas—a pobreza, a religiosidade de certas almas que conseguem imprimir grandeza a ideias e a sentimentos que os criticos e os filosofos desdenham...»

E' esta a virtude mais linda na obra do escritor artista: a volta á simplicidade. E assim como neste *In-memoriam* de paciente e excelso serviço ás letras, aparece a observação judiciosa de Raul Brandão—para muitos surpreendente, pois faz-se passar Eça como um permanente snob da vida literaria e critica—assim lá aparecem outras interessantes anotações, das quais hemos de lembrar um trecho sugestivo: «Foi Eça de Queiroz um plagiador?», que oferece um largo campo a divergencias e confrontos, de Claudio Basto, e ainda, o *Espolio de Fradique*, de Antonio Sardinha, *Paginas de memorias*, de Alberto de Oliveira, e os subsidios para a biografia da compendiação de Albino Forjaz de Sampaio.

*In-memoriam* é um livro bom, com recolhimento util de impressões e comentarios criticos, onde não falta por vezes mesmo o sabor desconcertado que a estas obras oferece o entusiasmo escolastico de muitos apaixonados, que vivem Eça e o seu meio, como se vivessem o arido e deselegante tempo do nosso tempo. Um parabem a Cardoso Marta e a Eloy do Amaral.

Sobre a minha mesa apareceu, entre muitos livros maus e bons, aos quais com o tempo me hei de referir, sem intenções severas de critica nem de franca louvaminha—que tudo tem seu meio termo justo e digno—apareceu um livro interessante, que li de um folego e reli cuidadosamente: *O meu breviario*, de D. Alberto Bramão. Livro de maximas e pensamentos, depois da impressão frouxa que me deixou o livro identico de Albino Forjaz de Sampaio (o que não impediu que este livro se vendesse esplendidamente); livro de comentarios ageis ele servia de pedra de toque da justiça dos meus anteriores reparos á obra do autor consagrado da *Gente da rua* e da *Lisboa Tragica*. O livro de D. Alberto Bramão padece do mal de reunir tudo o que as horas descuidosas e os estados fugazes do espirito vão fornecendo ao *jour le jour*. Ha ali alguma coisa de mau e mesmo de pessimo. Por vezes conceitos baixos, vulgares, triviais.

Mas a par disto—que não pode com justiça deixar de se acusar—D. Alberto Bramão apresenta uma boa mão cheia de maximas que fariam irmandade com algumas de Chamfort ou de La Rochefoucault. Faltou auto senso critico no apuramento deste trabalho, todo ele espiritual e forte, acusando a um tempo uma alma, um caracter e uma inteligencia. Faltou auto senso critico. Não fôra isso, o livro resultaria todo ele formoso, ainda que ficasse reduzido a um terço, o que já era bastante.

Ao acaso, e sem escolha, copio algumas máximas. Perfeitamente ao acaso.

— A verdadeira riqueza consiste em não ambicionar a riqueza.

— A intimidade é um microscopio terrivel: descobre defeitos de que nem sequer suspeitavamos.

— O amor é uma planta extranha. Nasce logo coberta de flôres.

— Ha homens que amam as suas mulheres, pelo desejo que elas inspiram aos outros.

— Ter caracter é de todos os luxos o que nos fica mais caro.

— O excesso de cortezia é tambem uma forma de desconsideração.

— Ha duas coisas indivisiveis: o atomo e o segredo.

— A vida não vale o que a nossa mãe pagou por ela.

— O amor pelos filhos é como a luz: alumia igualmente a um e a todos.

Etc. Este livro folheia-se com desfastio. Algumas anotações são corriqueiras, e andam até em quadras populares, isto é, na sabedoria das nações, avulso. Mas até na forma estetica de apresentação D. Alberto Bramão tem originalidade. Repetimos que o seu breviario seria digno dos nossos filhos, se fôsse mais escrupulisado na selecção, mais curto, mais fidalgo. Mas, assim mesmo, está muito acima da craveira normal dos livros desta especie literaria e filosofica.

*N. de A.*

# No COLISEU DOS RECREIOS

## Revivem hoje as noites de arte com a estreia de uma magnifica Companhia Italiana de Opereta

Ha muito tempo que o publico de Lisboa anseia por uma companhia italiana de opereta que venha dar-lhe noites de arte e de verdadeira satisfação espiritual. Esse desejo acaba a Empreza do Coliseu dos Recreios de o satisfazer contratando a melhor e mais afamada companhia do «genero», que hoje realisa a sua estreia com a peça de grande espectaculo «Princeza das Czardas», a que se lhe seguirão outras de grande sucesso e que constituem absoluta novidade para o nosso país.

Com um seleccionado elenco, um magnifico desempenho, um grandioso corpo coral e de baile, uma cuidada «mise-en-scène», um deslumbrante cenario e um luxuoso guarda-roupa, a nova companhia vai, certamente, causar pleno agrado, como tem acontecido nas principais capitais estrangeiras, de onde ela vem precedida da maior e mais justificada fama.

A' bilheteira do Coliseu que é, como todos o reconhecem, a casa de espectaculos mais ampla, mais comoda e mais economica de Lisboa, têm afluido centenas de pessoas no intuito de não perderem as noites de arte que ali vão gosar-se durante algum tempo e que constituirão, sem duvida, o agrado do publico de Lisboa.


O "DIARIO DE LISBOA" encontra-se á venda no Dafundo, na Tabacaria Freire.


# Mundanismo

## Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Condessa de S. Mamede, D. Maria do Carmo Vaz de Albuquerque, D. Luisa Lobo de Avila da Graça, D. Maria do Carmo de Borja Trindade, D. Maria do Carmo de Quaresma Viana, D. Maria Pessanha de Sequeira Braga, D. Carlota de Mendonça e Melo e D. Maria da Silveira e Lorena.

E os srs.:

D. Vasco Allen Pereira de Sequeira Bramão, Paulo de Morais Palmeira (Regaleira) e João Franco Frazão (Penha Garcia).

## Festas elegantes

Comemorando o aniversario natalicio de sua esposa, a senhora D. Laura de Abreu Reis Ferreira, o sr. Carlos Ribeiro Ferreira oferece no proximo dia 29, na sua linda quinta em Cintra, uma elegante festa.

## Festa de beneficencia

Em casa de uma ilustre titular realizou-se ontem a primeira reunião de um grupo de senhoras da nossa aristocracia para se levar a efeito uma linda festa de caridade, a qual se deverá realizar no proximo mês.

Em breve nos referiremos mais detalhadamente a esta festa que já pelos nomes da comissão promete ser revestida de grande brilhantismo.

## Nos teatros e cinemas

*No Politeama*

Assistencia elegante á «première» de ontem:

D. Suzana Arez de Castro, D. Claudina Franco dos Santos, D. Sofia Covachichi de Lima, D, Adelaide de Almeida, D. Fernanda Barreira de Campos, D. Maria Rufina de Abreu Baptista e filha D. Maria da Conceição; D. Maria Barroso de Morais, D. Fernanda Barreira do Campo, D. Dalila Pereira Severim de Azevedo e filha D. Margarida; D. Maria e D. Alice Rey Colaço, D. Maria Tereza Correia (S. Januario), D. Luisa Beires do Vale Nunes da Silva, D. Laura Barbosa Sotto Maior, D. Maria Margarida e D. Berta Poçariça da Costa Freire, mesdemoiselles Patricio Alvares.

## Exames

Concluiu o exame do 1.º ano do curso dos liceus, em Setubal, tendo prestado uma brilhante prova, a menina Natalia Simões Barbosa de Oliveira, gentil filhinha do professor de Aldegalega, sr. Delfim Barbosa de Oliveira.

## Pontos de reunião

*Agenda*

A nossa sociedade elegante dá «rendez-vous» esta noite no Chiado Terrasse, estreia da gentil e popular actriz Adelina Fernandes; no Coliseu dos Recreios, estreia da companhia de opereta e no Cinema Condes, «soirée» da moda.

## Em viagem

Parte hoje para Almeirim o sr. dr. Paulo Cancela de Abreu.

— Regressou da Curia o sr. dr. Camossa Saldanha.

— Parte brevemente para Alemquer a senhora D. Lucia Marques de Almeida, cunhada do nosso colega de redacção, sr. Carlos da Mota Marques.


Limpeza e conservação do calçado obtem-se uzando o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

BANCO PORTUGUÊS DO BRASIL
Séde--Rio de Janeiro
CAPITAL: Rs. 50.000.000$00
Representantes em Portugal:
PINTO & SOTTO MAYOR
LISBOA--PORTO--BRAGA--CHAVES

Está a pagamento o 8.º dividendo na razão de 8 0|0 ao ano, ou seja Reis, 8$000 m. b. por acção liberada, Rs. 4$000, m. b. por acção com 50 0|0 de desembolso, e Rs. 1$600, m. b. por acção com 20 0|0 de desembolso.

O respectivo pagamento efectua-se a começar no dia 17 do corrente em a n|Séde e nossas Filiais.

Lisboa, 14 de Julho de 1922

*Pinto & Sotto Mayor*

*Nota:* — O pagamento acima efectuar-se-há todos os dias uteis das 11 ás 12 horas e das 13 1|2 ás 15 horas, contra a apresentação dos certificados de acções e respectivos recibos.

## UMA PAGINA DE ARTE

# Do "AMOR PERFEITO", de Carlos Babo

## transcreve-se um curioso capitulo

## De que tramas se serviu o "Senhor Cegonha" para separar dois corações que se amavam em verdade

Carlos Babo, que se tem afirmado um escritor de recursos, com emoção, belesa e arte, acaba de publicar um curioso romance, *Amor Perfeito*. A sua obra não tem passado despercebida ao nosso publico intelectual e literario.

O *Amor Perfeito* é um livro de observação e de analise, vestido duma forma elegante e cuidada. Os processos literarios de Carlos Babo, nosso antigo colaborador, atingem neste livro uma forma definitiva e completa.

Leia-se, para prova, o capitulo que a seguir inserimos, recortado ao acaso, e ver-se-ha que estão compendiadas nele toda a pormenorisação e toda a belesa literaria que podem distinguir um quadro traçado por mão de mestre.

O «Senhor Cegonha» é um simbolo. E está de tal maneira desenhado, as suas caracteristicas de baixeza e de cobardia moral estão vincadas com tamanha propriedade, que a gente, depois de lido o primeiro trecho, fica-se a pensar se aquilo não será antes um retrato fotografico que uma pintura realizada em letras de caixotim.

Arribou, porém, o *Cegonha* daquele enfurecimento infernal; mas o desejo de vingança alastrou-lhe lá dentro num borborinho de lavaredas. Nunca mais deixou livre da sua influencia D. Maria da Graça; e a pobre senhora, que só ouvia dizer mal de Gastão, ficava desolada diante deste inimigo feroz e perverso, fiando-se dele em todas as insinuações manhosas e infames, sem lhe perceber a solercia e que ele assim procedia, não por desejar o bem de Margarida e da mãe, senão apenas vingar-se.

Entretanto, embora visse a filha, a quem tanto queria, caída na desgraça de toda a vida, se aceitasse para marido esse homem a quem atribuiam todas as más qualidades, fechava-se no quarto e evitava fazer pressão sobre Margarida, por lhe conhecer a feição voluntariosa e a sinceridade perfeita do coração. Limitava-se a levar os dias e as noites a chorar, a pobre mãe!

Ainda que presa na trama apertada de nefastas influencias, D. Maria da Graça era boa; e por isso Deus lhe não recusava o alivio de lagrimas.

O *Cegonha*, porém, não esmoreceu um momento, e tanto a sugestionou, ao passo que um bando de intrometidos o secundavam no plano ás mil maravilhas, corroborando com murmurações o mau aspecto da vida e da pessoa de Gastão, que a mãe de Margarida, inteiramente dominada e absolutamente convencida de que, não se opondo com violencia aos amores da filha, se tornaria cumplice da sua desventura, resolveu usar de toda a sua autoridade.

Principiou por chamar Margarida e mostrar-lhe quanto ela fôra precipitada, ao entregar o coração a um homem que se revelava, como era voz geral, uma criatura cheia de defeitos, má e turbulenta, que com certeza havia de fazer desgraçada a mulher que com ele casasse...

—Não ha ninguem—dizia ela—que me não fale dele; e até os proprios republicanos, senão todos, a maior parte, sem dizerem declaradamente mal, nem por isso escondem o desagrado pela sua atitude.

—Esses são os tais que sabem viver bem com todos, não é assim?—replicou Margarida—Pois olhe, eu tenho lido os escritos de Gastão e declaro-lhe que só estupidamente alguem pode ter-se por pessoalmente ofendido. São verdades o que ele escreve e a sinceridade e a justiça aprovam. Desengane-se, minha mãe, que todos os manejos com que lhe têm influido no espirito, são determinados por isto e só por isto:—essa gente não pode levar ávante que Gastão diga o que a sua inteligencia vê e o seu coração entrega á franqueza do seu caracter...

—Mas, minha filha—acudiu D. Maria da Graça—ainda que assim fosse, que futuro pode ser o dele?!... Nunca ha de ser nada... e tu serias uma desgraçada!... Depois... essas alusões ao nosso primo não tém pés nem cabeça... O nosso primo está muito chegado ao *senhor Conselheiro*... Valha-te Deus e a mim! Peço-te, minha filha, que tires o sentido desse homem. Não posso consentir que isto continue. Antes eu morra do que te veja casada com ele!

E as lagrimas saltavam-lhe em borbotões...

Margarida com ar grave respondeu:

—Olhe, minha mãe; se tivessemos ha muito conversado a valer sobre este assunto, talvez hoje eu não tivesse o desgosto de a ver assim vencida pelas más influencias, e muito principalmente por esse primo—o *senhor Cegonha*, que, não tendo tido arte nem coragem para se bater com Gastão no campo das ideias e dos factos politicos, é que é apenas uma especie de lama das botas do *senhor Conselheiro*, pretende vingar-se, ferindo-nos a todos no coração. Esse senhor já veiu ter comigo, alegando a defeza da minha felicidade, pedir-me e quasi impôr-me coisas... Corri com ele. Afirmou-me que se havia de opôr ás minhas relações com o Gastão por todos os meios!... Com que direito vem ele meter o nariz nos assuntos sagrados da minha alma? E, entretanto, tem sido ele que tem inoculado no espirito de minha mãe todo esse mal estar, e a tem convencido de tanta falsidade! Mentem todos! Não é nada do que eles dizem...

—Oh filha não digas isso! Todos o dizem... O primo *Cegonha* interessa-se realmente muito, porque lhe custa ver entrar para a nossa familia um homem que não tem cinco reis e por causa das suas ideias dunca arranjará nada, fazendo a tua infelicidade e a nossa.

—Não posso demove-la disso, minha mãe? Pois eu quero a esse rapaz como á luz dos meus olhos. Adoro-o com toda a minha alma! E' dele o meu coração e nunca será doutro. Ele ama-me. Se ha felicidade na terra, eu só serei feliz emquanto fôr dona do seu coração e o amar como amo.

— Estás cega, Margarida! — quasi gritou D. Maria da Graça — Mas eu é que não teria perdão, se compartilhasse da tua cegueira. Não quero que lhe apareças mais no jardim... Não quero mais relações...

— Quando o vir, apareço-lhe — interrompeu Margarida — Já não sou nenhuma criança e o nosso amor não ofende ninguem.

— Pois fica sciente — disse D. Maria da Graça num pranto desfeito — que pouco tempo terás mãe!

Margarida, em face de sua mãe, que sempre foi tão boa para si, em convulsões de chôro, convencida até ao fundo dalma que a filha estava perdida, sopeou uma grande dôr no coração e disse:

— Não aparecerei mais a Gastão no jardim.

Quando proferiu estas palavras, retirou-se para o seu quarto e, pela primeira vez, por causa do seu amor, enguliu lagrimas que lhe queimaram o peito como brazas, ao recordar tantas tardes passadas no jardim, a ouvir Gastão falar-lhe do seu amor, acarinhados ambos pelos perfumes dôces dos jasmins...

Esta scena passara-se á noite. No dia seguinte Gastão recebeu pelo correio esta carta:

*Gastão:*

«Minha mãe, num choro convulsivo, afirmou-me que morrerá se continuar a ver-nos á grade do jardim! Está de todo na trama urdida pelo *Cegonha* e por quantos se vingam das verdades com que os fustigas, lavrando, como toupeiras, o campo de venturas em que temos vivido! Chora constantemente, não quere comer e não dorme. Convenceram-na de que és o peor dos homens e vê nas nossas relações o caminho para um abismo de desgraças em que irei cair!

«Tenho pena dela e afirmei-lhe que não aparecia mais no jardim. Fiz mal?... Tenho pena dela!... E' minha mãe...

«Chorei toda a noite, a relembrar cada dia, cada instante, em que o ceo nos concedeu tranquilidade!... Mas havemos de ser felizes, não é assim? Havemos de juntar-nos para sempre e mais ninguem perturbará o nosso sonho... Dize-me que sim... Dize. Tão mal acostumada, até me parece ver na guerra que nos fazem, que me vai fugir a luz da alma, o amor da minha vida... Passa todos os dias, sim? Vejo-te da janela.

Adeus. Saudades imensas da tua

*Guida.*

P. S. Podes escrever-me tambem».

Gastão ficou sem pinta de sangue. Latejavam-lhe as fontes e um zumbido ensurdecia-o. Não era o desgosto do procedimento de Margarida. Era a revolta instantanea contra tudo e todos, terra e ceos, homens e Deus. Margarida tinha razão; e sofria, porque se sacrificava, porque era boa. Ela percebia que a mãe, vitima inconsciente de uma infamia, e cega pelo seu amor, se fiava de quantos, escudados na exploração dêsse sentimento sublime, nada mais alvejavam do que a sua desgraça! Vendo-se incapaz de influir com vantagem no espirito obcecado da mãe, não queria ser causa de mal maior; por isso, fizera uma promessa que lhe custava metade da alegria de viver.

Gastão via bem tudo isto, e no seu espirito ainda mais realçava a imagem querida do seu amor!

Não, ele não condenava Margarida, nem tampouco tinha um pensamento magoado contra D. Maria da Graça. Ele só via em toda a sua fealdade a besta humana, hipocrita, perversa, cobarde, que, sem animo para se bater frente a frente, se insinuava pelos resquicios das portas, e, para consumar vingança contra um, vertia perfidamente o veneno em três corações.

Como ele sofria, sem nada poder opôr, que esmagasse os agentes daquela cilada trapaceada com tanta baixeza. E o universo material, em tudo que nele ha de podridão, surgiu-lhe consubstanciado no *Cegonha*, o pulha sinistro e ridiculo, que não poupava ás exalações putridas do seu espirito, dois corações inocentes, para ferir, com a dôr que neles abria, o coração daquele que o chicoteava em pêlo, diante de todos, á luz do sol!

Resolveu escrever a Margarida. Vê-la á janela era pouco... Precisava desabafar...

Assentou-se, pois, á mesa de trabalho e escreveu:

*Margarida:*

«A tua carta alastrou incendios! O meu amor por ti é ha muito o de toda a minha alma. Amar-te mais hoje do que ontem seria impossivel; mas as tuas palavras inçaram-no de incandescencias, se assim posso dizer. A tua imagem ergue-se no meu coração, cheia de mais brilhantes luzes divinas! E's bela e és forte. E's boa e és nobre! Bem hajas, amor da minha alma.

«Tua mãe é uma vitima, que eu respeito sinceramente, e doe-me o coração, por não poder arrancá-la ás influencias execraveis! Fizeste bem. E' tua mãe...

«Quanto nos vai custar a saudade! Mas um dia seremos livres dos sapos, que fogem de mim para se esconderem na imundicie de si proprios durante o dia, e virem de noite, arrastando-se entre hastes de flôres, lançar contra nós a baba peçonhenta.

«Dizes bem. E' o *Cegonha* maldito, o canalha de bico, o espantalho das moleiras, que se vinga de mim, em tua mãe e em ti! Pois não deixarei de me rir dele, agora mais do que nunca!... Que pode ele fazer mais, depois de nos ter roubado a dulcidão saudosa das tardes dilectas do nosso amor?!

«Vou fazer-lhe passar pelo bico... Verás!...

«Que mais pode ele fazer contra nós? Ele ou os outros?... Já estou quasi sósinho... Quasi ninguem me fala... Além dos homens do povo simples e honrados, e três ou quatro amigos... tudo o mais prefere o *Cegonha!* Devem ser tão bons como ele...

«Adeus, meu amor. Depressa chegue o dia em que tu sejas livre, e livres possamos seguir juntos o nosso destino.

Todo teu

*Gastão*

POLITEAMA
Telef. N. 3028 Ás 21,30
GRANDE SUCESSO
A RIVAL

COLISEU DOS RECREIOS
HOJE — ás 21 (9 horas) — HOJE
ESTREIA
da Grande Companhia Italiana de
Opereta e «Féeries»
com a peça de grande espectaculo

Princeza das Czardas
O maior sucesso dos
: ultimos tempos :
Grande corpo coral e de baile
Cenarios deslumbrantes
Guarda-roupa luxuosissimo

ÁMANHÃ
ABERTURA DO CAFÉ-RESTAURANT
LUZITANIA
20 — AVENIDA CONDE VALBOM — 22
Esmerado serviço de cosinha Variedade de vinhos e licores
Fornecem-se jantares aos domicilios
Telefone N.° 3.991 Modicidade de preço

COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES
A SOCIEDADE PORTUGUESA DE ADMINISTRAÇÕES
ENCARREGA-SE DA COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES
CALÇADA DO SACRAMENTO, 14-1.°

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

# A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

## Chá das cinco

### A filha que ressurgiu

*Ha dias fui sacudido por um despertar horrivel. Ainda manhã baixa, gritos lancinantes de mulher partiam duma janela do quinto andar do predio em que habito.*

*Gritos — Deus meu! — que ressoavam desespero, que denotavam uma tremenda angustia, que batiam no coração de quem os ouvia com o estridor de notas agudas duma partitura escrita em clave de tragedia. Gritos que vindos lá de tão alto espadanaram na lage do saguão para voltarem a subir numa suplica de agonia até ao ceu, onde devia já repousar a alma inocente do angito que os provocava. Porque se tratava duma tragedia. Duma tragedia que leva dois minutos a contar e toda a vida faz sofrer. Fôra assim: a mãe conversava na rua cam uma amiga. Sua filha, três anos lindos de encanto e de frescura, brincava perto dela. Uma carroça surgida de repente atropelou a pequenita, quasi a esmagou. Foi para o hospital sem acordo. E os gritos que eu ouvi naquela manhã eram o epilogo desse episodio tragico, manchado de sangue, de dôr e de remorso. A creança morreu. Diziam-no os jornais. Desgraçada mãe!*

*Na tarde do mesmo dia, tive uma grande surpreza, um enorme desgosto. A voz que me havia machucado a alma, erguia-se em notas agudas, modulando uma canção alegre. Teria enlouquecido a infeliz creatura, vergada a razão, irremediavelmente, ao peso de tamanho infortunio? Teria ela esquecido em meia duzia de horas, três anos de carinhos, da filhinha tão horrivelmente morta?*

*Nem uma nem outra coisa. Uma visinha pôz-me ao corrente do que se passara. A pobre mãe, entre torrentes de lagrimas, escolhera o vestido branco de que a pequenita mais gostava, procurara numa gaveta os seus sapatinhos brancos, uma fita côr de rosa para adornar-lhe o cabelo — queria que ela fôsse bonita! — e correra como doida até á morgue, a pedir que a deixassem amortalhá-la.*

*A sua filha estava viva, quasi convalescente, quasi salva. Morrera, sim, uma outra criança que a outra mãe pertencia, que a outra mãe estava fazendo padecer áquela hora um martirio igual ao que ela suportara. Os nomes trocara-os descuidosamente um empregado de hospital, habituado a ver morrer, ignorante por oficio de que as dores morais ferem mais fundo do que as fisicas.*

*A pequenita vai ter alta. Regressa á vida, depois de ter figurado na necrologia das gazetas, com algumas cicatrizes e encontrando triplicado o amor maternal da que a chorara como morta.*

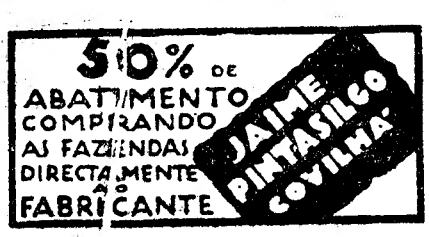
*Dentro de poucos dias irá passear, com o vestidito branco de que ela mais gosta, o mesmo que estava destinado a servir-lhe de mortalha.*

*E sua mãe levá-la-ha bem agarradita pela mão — que ha tantas carroças como ocasiões de morrer e a vida das mães é curta para bem adorar os seus filhos...*

*Sarmento Duque*

### CONFERENCIAS

O sr. ministro dos Estrangeiros conferenciou hoje com os seus colegas da Guerra e do Comercio.



## NA MISERICORDIA

# A CIDADE DOS PEQUENINOS

## Dezassete amas para trinta e quatro crianças!

### Uma visita ás camaratas — O terrivel mal da avariose — Os berços da morte

A cidade dos pequeninos tem muralhas altas, uma igreja onde já não ha culto, mas onde um sino badala horas, com tristeza, e torrões. Por dentro, ha alegria, o sol é sempre amigo e põe nas arvores grandes e rumorosas, flôres de oiro; vê-se Lisboa da cidade dos pequeninos e até o rio, para baixo da Sé, correr junto dos paredões de Alcantara. Cá fóra passo eu, passas tu, leitor, e não suspeitamos que lá dentro ha crianças, flôres de ilusão, feitas na ilusão do amor e desfeitas no mal da morte.

A cidade dos pequeninos tem alegria e recolhimento. Nada de claustro severo. Na rua passam electricos, ouvem-se os pregões, gentes mil atarefadas, que não a olham, que não a vêm.

A Misericordia é assim. Quando acabou a Roda das crianças, havia quinze mil lá dentro. Era por alturas de mil oitocentos e tantos. Depois, talvez o pejo, talvez a vergonha, ou nem uma coisa nem outra, mas as circunstancias da vida que se alargaram, fazendo sol para todos, a população da cidade dos pequeninos diminuiu. Hoje estarão lá, se tanto, cincoenta crianças. A Misericordia é dos raros estabelecimentos, informa o sr. director dos expostos, que não vive mal. Tem pouco dinheiro, mas tem dinheiro, quere dizer, chega-lhe para tudo. A lotaria dá. Em 1913, por exemplo, retiradas as verbas do Estado e de outros estabelecimentos, a Misericordia ficou com cento e doze contos.

Bem sei que eu devia agora, como num artigo de fundo, louvaminhar as boas e gradas virtudes da maternidade e da honra. Traçar a nankim as opostas. Mas sabem lá vocês quanta dôr, quanto sofrimento, o que ha sempre por detraz duma criança abandonada, em lagrimas, em soluços, em desesperos.

Querem ouvir, como eu ouvi, este pequeno dialogo entre uma mulher do povo e um empregado da Misericordia?

—Queria vir para aqui, meu bom senhor!

—Entregue o requerimento...

—Mesmo que ganhasse pouco, mesmo que não ganhasse nada, mas eu queria trazer sempre o meu menino ao colo. Ah! o meu menino!

A mulher tem o vestuario roto, escorrida, em caricatura, ali. Tem braços para trabalhar, apesar do corpo ter estado no hospital, doente. Ela quere o seu menino, o seu menino que é feio e tem pustulas e tem os olhos ainda entrestecidos de veus. E' só ela para o salvar. O pai? Sabe-se lá como aquilo foi! Talvez a criança fosse concebida, no fundo de uma taberna ou no campo, ante a paisagem espectral e coberta da noite, sob o grande rumor das estrelas, num ceu impassivel. Chamar-se-ia Manuel? José? Ela não sabe; talvez o visse pela vez primeira e o esquecesse logo.

Por isso vos digo que por detraz duma criança abandonada, se não ha duas dores, a da mãe e a do pai, ha, certamente, uma, a da mulher,

* * *

Eu entro na cidade dos pequeninos e quero-vos contar tudo. Se houver poesia e ternura, farei por da-las. Senão, não, e o quadro fica como está.

A Misericordia, por dentro, anda cheia de corredores e de abobadas. As camaratas das crianças estão quasi todas desertas. Uma grande colonia está agora em Oeiras. Quero ver as crianças. Os que começam a ter os vinte anos de velhice e já as lagrimas não correm; aqueles que têm as pupilas sujas de arte; de papel de jornal e de papel de livros; aqueles outros que fazem literartura por receita de cozinha: tanto de graça, tanto de sol, tanto de mulheres, tanto de politica — só purificam os olhos na paisagem quando ela é fresca de agua e fresca de tintas e nos olhos das creanças, que são todas meninos Jesus, um corpo adolescente de luz, um corpo brando de branco como um lirio, um cabelo sempre penteado pelo sol... Pensava assim quando entrei na primeira camarata das crianças. O leito da ama, o berço do pequerrucho, sempre alternando, em todas as camaratas.

As amas são poucas, umas 17 para mais do dobro das crianças. Cada mulher, a trinta e seis mil réis por mês, com casa e roupa, e comida, amamenta dois e tres pequerruchos. Aquilo não está certo, porque é mau. Mas que querem! Não ha amas. Até os novos ricos influiram n'este capitulo. A mamã bacalhoeira, de seiosp ojados de leite, não quere criar porque não é *chic*—assim mesmo a palavra reles, *chic*. E' um açambarcamento de amas fantastico.

* * *

Esta camarata é um primor de limpeza. Branca nas roupas, amarela no chão; o ar todo a entrar, frio e limpido, saboroso como um copo cheio de agua de mina. As mulheres são robustas, não caras de beleza, mas caras de campo, tostadas como a maçã camoeza, a vermelho, no uniforme. Quasi todos os bebés dormem, com um lençolinho branco—sempre o branco andou junto da inocencia—servindo de velario do berço. D. Flavia Faria, a regente, seguida da enfermeira, vai desvestindo os berços.

Aqui começa o negro da visita. Mas hão de reparar que aquelas crianças são flôres da lama, nascidas entre grades de hospitais e de aljubes, hervas espontaneas das calçadas e das valetas, o embrulho suspeito que se encontra em cima dum caixote do lixo e que por um triz esteve para caír no guano.

A criancinha dorme sempre de barriga para o ar, braços como ramagens, as mãositas ao acaso, já sem conforto, já sem aquele instinto de procurarem o seio materno. Ha uma bonita, ha outra gorda e leitosa, mas de olhos sem derrame de fogo; encontro ao fundo da camarata uma pretita com suas pupilas de vidrilhos, narizito esborrachado, que tem seus dentes brancos, reclame de pasta dentrifica... Mas as outras? A palavra *sifilis*, terrivel, é o diagnostico de quasi todas. Que Deus me perdõe, mas aqueles rostinhos só com pele, já retalhados de rugas, grandes bôcas desempedradas de dentes, toda a fisionomia só rictus, contorcida, nervosa, alucinante, gritando, lembram sinios. O cancro está ali para estudar, se carne não ha. «Este?» inquiro. «Para observação—*sifilis*». «Esta?» «Tem *sifilis;* veja o corpinho!» Que chaga! Como aquilo ha de queimar, torcer a criança, devastar-lhe a alminha! E como ela chora sempre! Com raiva, com horror, com tais estremecimentos que o nosso corpo, torcido e atravessado por descargas de emoção. Para elas não se coçarem põem-lhe nas mãos luvas de gaze. Ha uma que entrou ontem na camarata quasi morta, funções fisiologicas abolidas, olhos empapados em sangue. O corpo é um esqueleto.

E' o que tambem saita olhando os outros, puxando o sainho vermelho da ordem, para cima. As pernas pendem sem vida, como caules mortos, ou hastes de parasitaria. Não há proporções. Membros enrodilhados, aleijados.

São trinta e quatro crianças, senão cincoenta, como disseram, para dezesete amas. Os pequenitos nem sempre sugam o mesmo seio. Hoje um, logo outro, depois o leite de vaca. E' estranho, pois não é? Assim se vão criando ou morrendo, que é o caso mais certo, contra todos os preceitos da amamentação. A culpa não é da Misericordia. Apareçam mulheres que queiram, numa nobre e desinteressada abnegação, dar os seus seios áquelas bocas sofregas, para que não morram.

O resto da Misericordia tem o mesmo cunho de limpesa, de conforto, de carinho para com os pequerruchos. Quando elas ali entram já levam a morte comsigo, a morte tão dificil de vencer naquelas vidas de meses. Quantas vezes ela, a morte, o terrivel mal de avariose, não se pega tambem ás amas!

## Os Teatros

### O dia das actrizes

*A comissão organizadora pede a comparencia de todas as comissões e sub-comissões, no teatro Politeama, na proxima segunda-feira, ás 17 horas, para se ultimarem os trabalhos preparatorios e dar-se começo ás instalações no Jardim da Estrela,—e espera que ninguem falte.*

### Companhia italiana no Coliseu

*Realiza-se hoje no Coliseu dos Recreios a estreia da companhia italiana de opereta, com a peça «Princeza das Czardas». No repertorio figuram, entre outras, as seguintes peças: «A rainha do fonografo», «Agua mansa», «Onde canta a andorinha», «Flores dos Pampas», «A estrela do cinema», «A dansa da fortuna», «A fada do Carnaval», «A rapariga da taberna», «Conde de Luxemburgo», «Sonho de valsa» e a opereta de grande sucesso «Sil», do celebre compositor Pietro Mascagni.*

### Atrás do reposteiro

Deixou de fazer parte da companhia do Chiado Terrasse a gentil actriz-cantora Maria de Lourdes Cabral. Consta que vai pedir uma indemnização á empresa daquele teatro.

—Tendo-se suscitado um incidente entre o actor Jorge Grave e o sr. Albino Abranches, foi o caso aclarado entre ambos, desfeito o equivoco que o motivara.

—Foi feita uma proposta ao proprietario do Circo Royal, instalado na feira do Parque Mayer, para a compra do mesmo.

—A peça «As duas garotas de Paris», de Eduardo Schowalbach, que ainda este mês sobe á scena no Eden Teatro, tem 14 quadros, assim intitulados: 1.º, «Vesperas de partida»; 2.º, «A despedida»; 3.º, «A fatal noticia»; 4.º, «A fuga«; 5.º, «O precipicio»; 2.º acto, 6.º quadro, «Surpresa terrivel»; 7.º, «Manon & C.ª»; 8.º, «Na boca do lobo»; 9.º, «O rapto»; 10.º. «Um golpe de mestre»; 11.º, »Era uma vez»; 12.º, «O juramento»; 13.º, «Filados»; 14.º, «A redenção».

—Os scenarios da revista «Boas festas», em ensaios no Salão Foz, são dos scenografos Salvador, Mergulhão, Renda, Sena, Amancio, Rogerio Machado, Joaquim Silva e José de Almeida.

—No teatro Maria Vitoria, no Avenida Parque, realizam-se hoje, em duas sessões, as recitas dos auctores da revista »Lua nova«, Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão.

—Estreia-se hoje na revista «Tiro ao alvo», no Chiado Terrasse, a actriz Adelina Fernandes, que interpretará varios papeis, escritos expressamente para ela.

—A companhia dramatica que vai estrear-se no Eden Teatro com «As duas garotas de Paris», compõe-se, entre outros, dos seguintes artistas: Laura Cruz, Maria Pia, Palmira Torres, Albertina de Oliveira, Irene Grave, Helena de Castro, Tereza Taveira, Ana de Oliveira, Paz Rodrigues, Isabel Berardi, Joaquim Costa, Augusto de Melo, Luís Pinto, Jorge Grave, Alfredo Henriques, Abilio Alves, Artur Duarte, Fonseca, etc.

—Estão concluidas as obras do teatrinho dos Anjos, que se ficará denominando «Excelsior» e será inaugurado com a revista «No país dos sonhos», de Mario Barros, scenarios de Henrique Mouton Osorio e guarda-roupa confeccionado no «atelier» de bordados de madame Barros.

—Iniciaram-se já os trabalhos de organização da nova companhia do Aguia de Ouro, do Porto.

—Consta que vão ser apresentadas três propostas para arrendamento do Chiado-Terrasse: uma do sr. Carlos Cohen; outra do sr. Diamantino Delgado e ainda outra de um grupo de artistas da actual companhia.

—Chegam brevemente a Lisboa os artistas Alvaro Pereira, Justina de Magalhães, Irene Gomes e Antonio Gomes, que daqui foram com a companhia Augusto Gomes.

—O espectaculo de hoje, no Eden, é promovido pela formosa artista Evan Stachino que ámanhã se despede do publico de Lisboa.


**POLITEAMA** 2.ª representação de

◇ A RIVAL ◇

Grande sucesso de ontem


### Ministro da Agricultura

O sr. ministro da Agricultura partiu para o Luzo, com pouca demora.

### Visita á Fabrica de Armas

O sr. ministro da Guerra visitou hoje a Fabrica de Armas, acompanhado do seu ajudante o capitão sr. Quaresma.


Quereis poupar o calçado?
Usae o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

ARTIGOS E INFORMAÇÕES — **A Cidade** — CRONICAS E ENTREVISTAS

## A TRAVESSIA AEREA DO ATLANTICO

# DO RECIFE Á BAÍA

### A despedida comovente da alma pernambucana -- O Brasil inteiro convulsionado por um vôo de 4.500 milhas sobre o Atlantico -- As mulheres e a gloria

*(Do nosso enviado especial)*

**Costa do Brasil, .. Junho** — *A bordo do cruzador «Republica»* — Desde o primeiro dia em que puz o pé no continente brasileiro, estou cada vez mais convencido de que a travessia aerea do Atlantico é o maior acontecimento que se tem reflectido no Brasil ha muitos anos a esta parte.

Gago Coutinho e Sacadura Cabral são hoje, certamente, as duas pessoas mais queridas em todo o Brasil. Não é necessario ver o que se está passando á luz dum sentimentalismo que moldaria a verdade ao sabor do nosso coração.

Basta analisar friamente, criteriosamente, por um prisma de imparcialidade, o significado desta apoteose esplendorosa que um povo inteiro está fazendo a dois portugueses audaciosos.

Não ha hoje no Brasil uma unica pessoa que deixe de falar com entusiasmo na aventura magnifica dos dois aviadores portugueses; não ha um recanto deste Brasil imenso, pousado de sonhos e de maravilhas, onde não tenha chegado o eco do temerario empreendimento; não ha olhos de mulher, brilhantes e nostalgicos de gloriosos feitos, que não tenham sentido a volupia deste abraço que Portugal manda ao Brasil pelo ar; não ha homens de *sport* que deixem de render a sua admiração aos dois aeronautas portugueses por este vôo audacioso, de quatro mil e quinhentas milhas sobre as ondas inquietas do *Mare-Nostrum*.

E não se diga—escrevo a mais de quinhentas milhas do Rio de Janeiro—que é sómente a colonia portuguesa do Brasil que tem preparado esta recepção maravilhosa. Os proprios brasileiros compreenderam, com inteligencia, o significado da visita dos aviadores portugueses e souberam prestar-lhes, com todo o entusiasmo da sua alma nobre, as honras que lhes eram devidas.

As mulheres, que se perderam sempre, desde que a mãe Eva comeu o fruto proibido, por tocar com os seus labios a figura serena da gloria, têem contribuido, principalmente, para o brilho e para o esplendor desta viagem surpreendente das azas brancas de Portugal.

Uma recepção, um baile, um jantar de gala é sempre o pretexto para elas se mostrarem mais mulheres do que á primeira vista parecem. A mulher não passa de um *vient-de-paraitre* para quem chega. Lidas as primeiras folhas, desvenda-se o misterio e já sabemos qual é o fim da novela. Se o livro nos agrada, lemos com delicia, como quem desfolha uma rosa...

As mulheres do Brasil fazem-se lembrar sempre e são novelas de Felipe Trigo encadernadas em crepe e em seda.

* * *

Vamos navegando sobre um mar de rosas, brando como uma superficie de leite, ao longo da costa brasileira.

Ainda não ha uma hora que deixámos o Recife e já se perde ao longe, na bruma do Atlantico, a silhueta elegante da linda cidade pernambucana.

O *Fairey 17* levantou vôo em meio de vivas, de aclamações e de lenços brancos, que ficaram longo tempo acenando, numa despedida impressionante de beleza e delirante de entusiasmo. Todos os navios surtos no porto fizeram ouvir prolongadamente o apito das sereias e os sinos da cidade mandaram-lhe, saudosamente, o adeus vibrante da alma pernambucana — que tanto pode estar num lenço branco bretanha como na superficie polida do bronze.

Na vespera, tinha-se formado ao longo do cais uma verdadeira romaria para ver o hidro-avião. Durante todo o dia não deixou de correr um unico momento a fita de gente que se dirigia para o armazem n.º 1, calcurreando perto de dois quilometros de cais, para embeber os olhos, religiosamente, naquele pedaço de tela tão fragil que veiu de Portugal para continuar o traço que o *Lusitania* deixou riscado no ceu.

O Recife ainda esperou que o *Fairey 17*, antes de tomar o rumo da Baía, voasse sobre a cidade, para lhe mandar o ultimo adeus. Mas o comandante Sacadura não queria perder um minuto que fosse de gazolina, e, ao elevar-se nas nuvens, tomou logo a direcção do sul, desaparecendo dali a pouco á nossa vista.

O *Republica* levantou ferro em seguida e saiu para o mar, por entre os cumprimentos dos navios ancorados no porto e a despedida comovente dos lenços brancos, que ficaram por largo tempo acenando no cais.

Alguns olhos humedeceram-se de lagrimas.

E' o nosso coração que vai ficando aos poucos por este Brasil fóra — dizia o tenente Fernandes Costa, a quem uma senhorinha do Recife disse que tinha o coração inflamavel como um fosforo de cera de luxo.

* * *

Meia hora depois — oh, azas vertiginosas do progresso! — já sabiamos pela telegrafia sem fios que o *Fairey 17* tinha voado sobre Maceió e mais tarde sobre Aracajú. Cinco minutos depois de ele ter descido na Baía, o *Carvalho Araujo* dizia-nos:

*Chegaram bem. Abraços.*

A sereia de bordo apitou longamente e o mar azul encheu-se das rumorosas aclamações que a nossa alma elevou para o ceu.

*Norberto Lopes*

MATERIAL ELECTRICO
Aos preços mais vantajosos do mercado
**TUBO BERGMANN**, de ferro e de latão, 9 e 11 mm.
**FIO VULCANISADO**, de 0,75—1—1,5—2,5—4 e 6 sqmm.
**CABO VULCANISADO**, de 50 sqmm.
**TODO O MATERIAL** para Instalações Electricas
RAUL VIEIRA, L.DA — R. da Prata, 51 Telefones 3586 e 2194 C.

## A REAPARIÇÃO DE PALMIRA BASTOS

# CRITICA Á "RIVAL"

### Peça em 4 actos, de Kistemaeckers e Delard, tradução de D. José Paulo da Camara --- Desempenho e scenarios de Rey Colaço e Robles Monteiro

Kistemaeckers, que está hoje em plena gloria dramatica, escreveu a *Rivale*, de colaboração com Delarde—o pobre Delarde!—num tempo em que o teatro de tese não se tinha ainda tornado, com a vertigem da moderna psicologia, numa grande tortura de ideias e de sentimentos. Assim, aquele André Brizeux, aquela Jane e aquela parenta arruinada, Simone, que se deixa seduzir—sabe-se lá nunca porque as mulheres se deixam seduzir!—pelo escultor que a recolheu e a agasalhou, falseiam, nos tempos de hoje, os mais elementares principios que regulam o coração humano. A obra não resiste ao mais ligeiro embate, analisada nos seus alicerces dramaticos.

Jane, amorosa e resignada—com toda a resignação que o cristianismo pode pôr na alma de uma mulher,—desde a quasi renuncia, não do seu amor, ela o grita bem alto, mas da posse exclusiva do marido, até ao sacrificio de amortalhar a sua paixão nas dobras de um manto de maternidade—o da «Rival»—que Deus lhe negou sempre a ela, a mulher legitima á face da lei e do altar—é uma figura que se poderá divinizar mas a que ninguem poderá atribuir foros de humanidade. Os autores conhecem bem os segredos da sua arte para deixarem perder o mais fugaz efeito e o interesse crescente da primeira á ultima scena. E' gente que sabe do seu oficio. Nós estamos, porém, em frente de um problema, ou tese, de ordem moral e psicologica, que não admite subterfugios. O proprio André Brizeux, fulcro da acção, é um *pantin* esmagado entre duas mulheres, sem vontade propria, sem um rasgo de energia, sem o mais leve assomo de revolta. E' um personagem sem caracter, quasi anodino, empurrado pelas circunstancias e por um falso prurido de amor — se ele até renega o sonho da sua arte!—para os braços da amante, vendo estender-se para ele, suplices e mortificados, os braços da mulher que o acompanhou desde os primeiros desfalecimentos até á culminancia da sua vida de artista.

A unica personagem feminina que está dentro do seu proprio caracter e que equilibra o contorno da acção é Simone de Mortagnes, a amante do escultor. Essa não foge ás responsabilidades, quando, na scena magnifica do final do 3.º acto, frente a frente da mulher legitima, lhe atira á cara, resplandecente de orgulho, com a sua hora de radiosa maternidade. Poder-se-ha talvez dizer que Simone, aceitando o casamento com Pontcroix, entraria no seu mundo de cabeça erguida e que o seu encanto discreto e a sua graça um pouco arisca pelos contactos perversos da sociedade—de que o barão de Ligneul é um modelo no genero—se acomodariam a um remanso familiar. Mas Simone, só, desamparada, sem fortuna, com um pai que vive de expedientes e que encara a existencia *à la belle façon*, encontra-se em face de André como um naufrago que procura uma ponta de terra e por fim a avista, com os seus olhos cansados, da terrivel monotonia das aguas, e os seus braços exaústos de lutar contra as ondas do abismo.

No meio em que a acção da peça se desenvolve, recanto de frivolidade e de arte, com os personagens vivendo ao sabor da sua fantasia, dos seus caprichos, do seu dinheiro e dos seus defeitos inconfessaveis, e em que ha apenas dois—Jane e Pontcroix—que se destacam pela sua linha integra e moral, talvez um pouco romantica—Simone é um produto real, humano, com toda a fragilidade do seu envolucro de mulher em cujo coração desabrocha, pela primeira vez, a flôr fecunda e indomavel do amor que não raciocina, o amor criminoso que dilacera e ilumina, todo feito de ansias, astucias, subtilezas—e se entrega todo, numa aleluia de prazer.

Na sua linha geral, a obra de Kistemaeckers é isto. Não pertence áquela classe dentro da qual cabe a judiciosa formula de Sorcey: «Jetez tout cela dans le creuset de Schopenhauer, il est certain que vous n'en tirerez pas une goutte de philosophie». Não. A *Rival* tem o seu grão de filosofia, e vem a ser que o amor da mulher que fecunda é muito maior e enlaça mais o coração do homem que o amor da mulher que ao seu lado permanece esteril, como um lindo arbusto que não dá flôr, como uma bela e magestosa arvore que não produz nenhum fruto.

* * *

Inegavelmente, a noite de hontem no Politeama marcou uma nota de acontecimento teatral e mundano. E foi, acima de tudo, pela reaparição de Palmira Bastos, ha longos mêses afastada de scena, uma verdadeira apoteose artistica. Que grande, que adoravel, que deliciosa comediante! Que sinceridade e que ternura na emoção! Palmira Bastos, que é hoje a nossa primeira dama galã, apresentou-nos com uma arte penetrante e infinita a personagem de Jane Brizeux; exprimiu, com uma requintada sensibilidade, todas as *nuances* do seu papel, benevolente e indulgente no primeiro e no segundo acto até chegar, pela força formidavel da acção, á scena culminante com que fecha o 3.º acto, em que ha revolta, orgulho, dôr, e á resignada atitude do 4.º acto, de uma serenidade tragica, feita quasi de gestos e palavras suaves.

Não se pode imaginar uma creação mais completa e mais digna da grande artista que sabe pôr tanta simplicidade com tanto talento, tanta graça com tanta bondade. Toda a sala vibrou de admiração, fazendo-lhe chamadas especiais. Amelia Rey Colaço, figurinha de um singular preciosismo, que traduz em todas as suas atitudes a preocupação de uma original linha de beleza, como grande artista que é, compoz a personagem complexa e delicada de Simone Mortagnes com a inteligencia e vibração dos seus nervos de artista que desabrocha já em plena floração, e para a qual vão, neste momento, todas as esperanças. E' uma alma revoltada contra a injustiça cega da sorte, que se acolhe sob a aza de um amor clandestino; e nessa exteriorisação de sentimentos, quer nos impetos de indomavel orgulho com que repele o sedutor de profissão, quer na carinhosa ternura com que se deixa embalar no seu sonho de aventura, Amelia Rey Colaço foi impecavel. Ha ainda duas criaturinhas episodicas, que Constança Navarro e Ofelia Brochado incarnam com desenvoltura.

Quanto á interpretação masculina, manda a verdade que eu diga que Robles Monteiro não deu á personagem de André Brizeux o *élan* requerido em certos lances da peça, como, por exemplo, na bela *tirada* do 1.º acto, em que explica e define ao barão de Rigneul o que é e como ele sente a sua arte e, no 3.º acto, a apostrofe de desespero diante da sua ultima obra. Robles, que é um actor com responsabilidades creadas, tendo já feito uma carreira de alta probidade profissional, ressentiu-se, porventura, do seu trabalho exaustivo dos ultimos dias para a montagem da peça. Agradou-me, sem restrições, Henrique de Albuquerque, artista de singulares qualidades, que deu ao barão de Ligneul—uma das personagens mais fundamente vincadas—um relevo a que estamos pouco habituados, especialmente na grande scena do 3.º acto com Brizeux e Simone. Gil Ferreira falseou o caracter da sua personagem, tornando-a demasiado melancolica e romantica. Mas a culpa não foi sua.

Como actor experimentado e distinto que é, Gil conseguiu vencer as asperas dificuldades do seu papel com talento e consciencia artistica. Teodoro Santos caricaturou. Não precisava deste exagero porque é um excelente actor. Aquêle Montagnes, apesar de vacinado nos *bas-fonds* da vida parisiense, deve-

*(Vêr continuação na 8.ª pagina).*

# PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

ARTIGOS DE ESCRITORIO E DE FANTASIA ☽-☾ LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇÃO

Tintas e material para :—: desenhadores :—: | Papeis continuos, tela, vegetal e Marion para desenho | Canetas com tinta— Caixas de papel de luxo

## Executam-se trabalhos tipograficos e litograficos

Timbragens a relevo—Encadernações simples e de luxo

PREÇOS MODICOS

**34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38—LISBOA**

# NUMA HORA!

Com o emprego do PIPERITOL consegue-se encerar uma sala ou um movel em qualquer côr e com explêndido brilho, sem cheiro e sem o uso de outros ingredientes

NÃO É INFLAMAVEL NEM VAI AO LUME

Cada litro cobre uma superficie de 12 metros quadrados

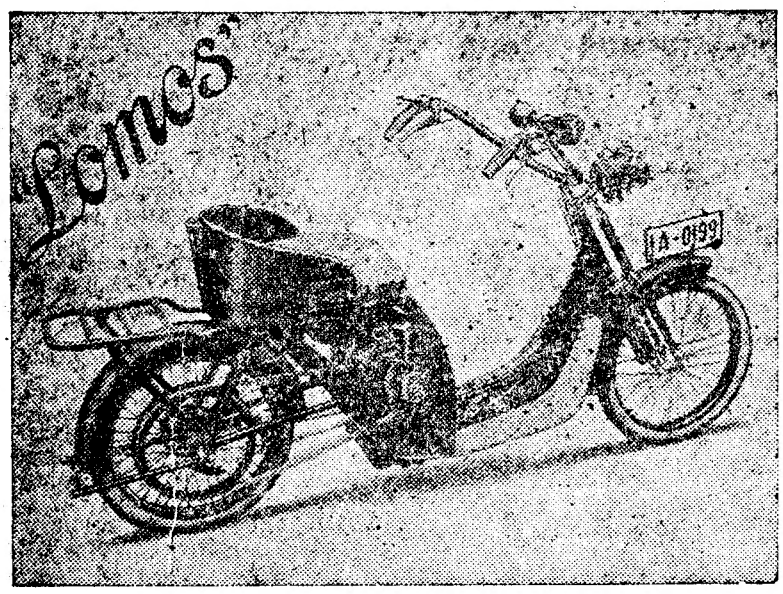
Á VENDA NAS SEGUINTES CASAS

DROGARIA SILVA & NEVES, Rua da Prata, 131 — LOPES & RODRIGUES, Rua de S. Domingos á Lapa — MANUEL A. F. CALADO e C.ª L.da, L. do Corpo Santo — Antiga Casa José Alexandre, R. Garrett

*DEPOSITO UNICO—Fabrica de moveis ingleses e americanos*

## *Gil Dias d'Assumpção*

RUA DO SACRAMENTO Á LAPA, 29-33 Telefone 1884




1 CILINDRO 3 HP

**VASCO CARMO -- T. Corpo Santo, 21 -- LISBOA**

# GAZOLINA "*Shell*" PETROLEO

QUALIDADE SUPERIOR

Oleos combustiveis

Oleos de lubrificação

PEDIDOS Á

## THE LISBON COAL & OIL FUEL C.º LTD

LISBOA — Rua do Crucifixo, 49

PORTO — 246, Rua Mousinho da Silveira, 250

## *Fonsecas, Santos & Vianna*

# BANQUEIROS

ESTABELECIDOS EM 1861

## Rua do Comercio, 116 a 132

Telegramas: *SANVISE-LISBOA*

## Dentes artificiais

BERNARDINO NUNES

Rua da Palma, 40, 1.º

Muito mais baratos, de origem alemã e ::importação directa:: Colocam-se aptos á mastigação, sem despeza de extracção ou ::::::: consulta :::::::

## Saraiva, Costa & Santos, L.da

COM OURIVESARIA E JOALHARIA NA

Rua Eugenio dos Santos, 44

(Vulgo Portas de Santo Antão)

Compram prata, ouro e pedras preciosas pelo melhor preço do mercado.

Tambem compram cautelas dos Monte-Pios por maior que seja o seu valor.

## Uma chavena de cacau da S. I. C.

equivale, como alimento, a 5 chavenas de café!

Além d'isso o cacau beneficia a saude e o café prejudica-a

## *SOLANO*

O MELHOR PRODUTO PARA LIMPAR METAIS

Vende-se em toda a parte

DEPOSITARIOS

**Figueiredo & Telles L.da**

Rua Alves Correia, 45, 1.º - LISBOA

TELEFONES { 3156 / 3697 } NORTE

## MAQUINAS DE ESCREVER

NOVAS e usadas. Reparações e reconstrucções garantidas. Accessorios. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 3285. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

## OURO e PRATA muito mais BARATO

e SÓ pelo PESO

Cordões, correntes, travessões e mais objectos

Grande sortido

SÓ no CORREIA, MOURA & PIMENTA, L.A

Rua de S. Paulo, 186

(Proximo á Casa da Moeda)

## BOAS MOBILIAS

ANTIGA MARCENARIA DO DESTERRO

ABERTURA duma nova secção para venda directa ao publico pelo proprio fabricante e seu proprietario

## Manuel Filipe da Silva Junior

Variado sortimento de magnificas mobilias em todos os generos, o que se fabrica de melhor e mais confortavel desde o mais modesto ao luxuoso.

Mobiliario no sistema americano para casas bancarias, escritorios comerciais, etc.

**Exposição permanente para vendas directas por preços do fabricante sem receio de confronto nem competencia.**

Rua do Desterro, 17 a 29

## Instalações electricas

Orçamentos gratis

MATERIAL ELECTRICO

Grande stock de lampadas

PHILIPS-ARGA

E' quem vende mais barato

Preços especiais aos revendedores

Telefone C. 5430 Telegrafo DIFONSO DIAS, FONSECA & SOTO MAIOR L.ª

Rua dos Fanqueiros, 122—LISBOA

## COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Aviso ao Publico

SOBRETAXAS

A partir de 15 de julho de 1922 e em harmonia com a autorização concedida pelo decreto n.º 7.959 publicado no *Diario do Governo* de 3 de janeiro de 1922, é elevada a 300 0|0 a sobretaxa de 250 0|0, actualmente em vigor nas linhas desta Companhia, para todas as cobranças relativas a passageiros.

Fica pelo presente modificado o Aviso ao Publico A n.º 43 de 4 de janeiro de 1922 e anulado o Aviso ao Publico A n.º 44 de abril de 1922,

Lisboa, 3 de julho de 1922.

O Director Geral da Companhia

*Ferreira de Mesquita*

# DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

FRANÇA E VATICANO

## Os bispos aprovaram o projecto de acordo

### Dentro em pouco se começará o exame da questão das congregações religiosas

PARIS, 14

**Nos circulos diplomaticos franceses diz-se que as questões relativas ao culto entraram numa fase decisiva. A maioria dos bispos franceses declarou-se favoravel ao projecto redigido entre o Quai d'Orsay e o Vaticano. Não se lhe prevê nenhuma objecção seria da parte da congregação dos assuntos eclesiasticos. Desta sorte a questão deve ficar resolvida dentro de dois ou três meses; seguir-se-lhe-ha o exame da questão das congregações religiosas. — («Diario de Lisboa»).**

## Os socialistas majoritarios e independentes fundiram-se

BERLIM, 15

As fracções socialistas majoritaria e socialista independente resolveram fundir-se num grupo unico, que se chamará do trabalho e da fracção socialista do Reichstag.—(H.)


**TEATRO SÃO LUIZ**

Sempre ás 9 1|2 da noite
O maior dos triunfos!

**A REVISTA DE PRAXEDES**

GRANDIOSO SUCESSO

A lampada maravilhosa — O que, com ela, se consegue — O que Praxedes viu na sua terra amada

Delicadeza Arte Bom gosto



**Mais barato...**

**Porquê?**

Porque as nossas fazendas de lã para fatos são fabricadas e vendidas directamente ao publico por preços baratissimos.

**Para quê?**

Para beneficiar o publico, porque se tornava necessario que alguem tomasse essa iniciativa e nós

**Donas da Covilhã**

fomos os primeiros que para esse fim abrimos depositos em Lisboa. Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º, e no Porto, rua Fernandes Tomás, 392-A.

UM PROJECTO DE LEI

## O PARLAMENTO ALEMÃO CONTRA AS ASSOCIAÇÕES SECRETAS

### A politica dubia de Wirth e um artigo do jornal "Vorwaests"

O governo alemão, que desde a sua subida ao poder tem dado aos aliados iniludiveis provas de desejar cumprir os compromissos tomados, tem sido para com os nacionalistas o que podemos chamar demasiado contemporisador. E é talvez possivel que se ele tivesse atacado sem contemplações as forças resistentes das direitas, a França se houvesse compenetrado de que o perigo alemão tinha deixado de existir. Pelo menos, a Inglaterra, que, deseja auxiliar a Alemanha teria a seu favor um poderoso argumento que é assim o maior obstaculo que se tem oposto á retirada das tropas do Reno e á redução da divida por reparações.

O assassinio de Rathenau provocou uma agitação febril em toda a Alemanha; as direitas não souberam esconder a sua alegria, mas as esquerdas reclamaram energicamente uma lei para castigar sem piedade nem tergiversações todos os que tivessem ligações com associações secretas ou conhecessem sequer projectos de conspiração ou assassinios e o não declarassem.

Foi a lei de defesa da Republica, redigida em termos que não podiam ser iludidos, e que em resumo estabelecia as seguintes penas: Serão demitidos os funcionarios que conspirarem contra a Republica. Serão condenados á morte todos os que pertencerem a associações secretas que tenham por fim matar alguem, e os que conhecendo projectos de assassinio não o declararem. Serão expulsos os membros da antiga familia real acusados de conspirar.

* * *

Como se vê o projecto de lei era energico, mas a comissão juridica ao Reichtag encarregada de dar a sua opinião começou logo a saboteá-lo. As penas de morte logo foram substituidas pelas de trabalhos forçados. Outra modificação dizia: «Os funcionarios publicos acusados de conspirar *poderão* ser demitidos, e a demissão poderá ser definitiva ou temporaria.» Outra diz: «Os membros da antiga familia real acusados de conspirar só poderão ser expulsos no caso de reincidencia.»

. . . . . .

Em logar da lei do primitivo projecto concreto e de aplicação concreta, aparece uma lei que dá logar a todas as evasivas e interpretações; um verdadeiro fogo de vistas com que se pretende apasiguar o povo, dando-lhe a ilusão de que daqui por deante é impossivel conspirar.

* * *

Neste caso a atitude do chanceler tem sido hesitante e dubia. Receou alhear-se as forças das direitas, pondo a força da sua autoridade a favor da lei sem hesitação. O resultado foi que os socialistas independentes abandonaram o governo e os socialistas majoritarios tambem não estão muito seguros. Nestas condições a dissolução do Reichtag é inevitavel. O *Vorwaests*, jornal socialista, dizia ha dias;

«A lei de defesa da Republica terá de ser elaborada por uma minoria republicana ou não o será; o governo de Wirth terá que governar com uma minoria republicana ou será derrubado; o Reichtag tem que ser dominado por uma maioria republicana ou tem que ser dissolvido. E agora, a maioria só pode obter-se pela incorporação dos socialistas independentes nas forças governamentais».

Se Wirth com as suas hesitações afastou os socialistas indepeudentes, perdeu portanto a maioria parlamentar. Além de que as modificações introduzidas na lei de Defesa da Republica não iludem ninguem, e há a certesa de que os socialistas majoritarios, independentes e socialistas, votarão em bloco contra o projecto de lei.

Se Wirth se inclinasse para a esquerda, obteria a colaboração destas forças e a crise seria debelada; mas Wirth parece ter receio de se desentender com as direitas, e nesse caso só restam dois recursos, ou a dissolução do Reichtag ou a queda do gabinete, qualquer deles de molde a provocar grandes alterações, numa ocasião em que a Alemanha se encontra como nunca dividida em duas facções inimigas, irredutiveis até á catastrofe.


**A Sociedade Portuguesa de Administrações**

**VENDE:**

**Optimos terrenos e barracões á Junqueira para oficinas e armazens, bons terrenos para construção no Parque Eduardo VII, calçada das Necessidades e Estoril, junto ás termas, e predios:**

Rua do Alecrim, tornejando para a rua do Carvalho, 41.
Calçada Castelo Branco Saraiva, tornejando para a rua dos Cordoeiros.
Rua das Amoreiras, 20.
Rua Avelar Brotero, 6.
Avenida dos Estados Unidos da America, A. L. F.
Rua da Boa Vista, 34, 38.
Calçada da Tapada, 87.
Rua do Comercio, 33, 41.
Rua Leandro Braga, 32.
Chiado, 37, 51.
Quinta do Almosquer em Sintra.
Grupo de predios com quinta na calçada do Carriche, (muito barato).
Calçada de Santo André, 85.
Travessa dos Inglesinhos, 13, 21.

Calçada do Sacramento, 14, 1.º

TELEFONE C. 498


DIVIDAS ALIADAS

## A Inglaterra pagará as dividas á America

### Lloyd George vai apresentar um projecto desistindo das dividas da França

PARIS, 14.

**Lloyd George tem o proposito de enviar brevemente a Washington uma missão especial encarregada de declarar ao governo americano que a Grã-Bretanha está na intenção de pagar as suas dividas de guerra, para o que emitirá um emprestimo interno.**

**Ao mesmo tempo o governo britanico proporá ao Parlamento a renuncia dos creditos de Inglaterra sobre a França.**

**Espera-se que os Estados-Unidos, por sua vez, renunciem á divida de guerra francesa. — («Diario de Lisboa»).**

### Chegada da missão francesa de dividas

NOVA YORK, 14.

Chegou a missão francesa presidida por Pannentier, encarregada de conferenciar com a comissão americana sobre as dividas de guerra.—*(Diario de Lisboa).*

## A "Escola da Vida"

### *Funciona todas as noites no Cinema Condes*

A *Escola da Vida*, dirigida pela celebre actriz Mary Pickford, tem curso aberto todas as noites, no Cinema Condes, com a enorme concorrencia de alunos que são todos os frequentadores do elegante teatro. No programa, magnifico, figura o 5.º capitulo dos *Três mosqueteiros*, a engraçada comedia burlesca do impagavel Caralinda *Viva o boxe* e o *Jornal do Condes n.º 123, magazine* mundial dos mais sensacionais acontecimentos da actualidade.


**No AVENIDA**

**Hoje e Ámanhã**

**Ultimas representações**

**O Papão**

ou os **Misterios da Maçonaria** desvendados pelo actor Chabi Pinheiro

Segunda-feira — Recita unica

**A Maluquinha de Arroios**



**Policlinica do Intendente**

**Almirante Reis, 27, 2.º**

**Telefone N.º 2989-N.**

**Dr. Abel Alves**—Ouvidos, nariz e garganta, ás 13.
**Dr. Almeida Dias**—Doenças nervosas e mentais. Electroterapia, ás 13.
**Dr. Anastacio Gonçalves**—Doenças dos olhos, ás 15.
**Dr. Antonio Martins**—Doenças das senhoras, ás 16.
**Dr. Armando Formigal Luzes**—Rins e vias urinarias, ás 11.
**Dr. Artur Pacheco**—Doenças da pele, ás 14.
**Dr. Benard Guedes**—Rajos X, ás 16.
**Dr. Carlos Fradique**—Doenças das crianças, ás 15.
**Dr. Fernando Fonseca**—Medicina geral, sifilis, ás 15.
**Dr. Fórmigal Luzes**—Maçagens, ginastica medica, banhos de luz, mecanoterapia, electroterapia (dia termia, alta frequencia, etc.) ás 14.
**Dr. Mario Rosa**—Clinica geral, estomago e intestinos, ás 14.
**Dr. Pereira da Silva**—Analises clinicas. Vacinas.
**Dr. Pereira Varela**—Doenças da boca e dos dentes, ás 10.
**Dr. Vasco de Lacerda**—Clinica medica, coração e pulmões, ás 13.
**Dr. Vasco Palmeirim**—Cirurgia geral e operações, ás 16.

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

ACÊRCA DE UMA ENTREVISTA

# O RETALHISTA
## E A VIDA CARA

### Uma carta dum leitor em que são discutidas certas afirmações aqui feitas

*Sr. Redactor*:— Tendo lido (o que faço todos os dias) o seu estimado jornal de 13 do corrente, encontrei uma entrevista com um sr. retalhista da rua Augusta, que parece ser um honrado comerciante e que dá a entender que se o é, o faz sómente por «sport», o que é ainda mais para se admirar. Mas. . . em tudo quanto ele diz ha um *mas* como v. vai vêr:

Afirma esse senhor que o retalhista não chega a ganhar 10 por cento no seu negocio. Pelo que abaixo exponho, já poderá v. fazer uma pequena ideia do grande prejuizo que os srs. retalhistas estão sofrendo, chegando-se toda a gente quasi a convencer-se de que, se eles continuam com os estabelecimentos abertos é pelo muito *amor que têm á arte*.

Tenho neste momento presente uma tabela de preços de sabão em que se diz que o retalhista compra cada caixa Offenbach rosa ou azul de primeira qualidade pela quantia de 62$00 (sessenta e dois) cada caixa com 30 quilos; saindo, portanto, cada quilo a 2$07. Não ha, portanto, razão que justifique o preço de 2$40, sobretudo tratando-se de um artigo vendido pela C. U. F. directamente ao retalhista.

Quanto ao açucar, vendem-no os armazenistas a 1$55 o branco, que, por sua vez o retalhista vende a 2$00!! Só para responder a esse senhor, direi ainda que ácêrca do proprio atum tambem não é verdadeira a sua afirmação; pois o retalhista deve ter comprado a 110$00 cada caixa (se é que o não comprou mais barato, visto que só do dia 1 deste mês é que o preço subiu). E nem v., sr. redactor, pode calcular o tempo que leva qualquer casa para vender uma caixa de atum, pois cada uma tem 100 latas.

Por este pequeno exemplo já v. vê como carecem de verdade as afirmações do retalhista, cujo descaramento é tal, que, sendo ele o unico que consegue tirar 70 por cento e mais de lucros, ainda por cima quere imitar S. Sebastião.

Esse tal sr. retalhista que venha com mais exemplos da desgraça da colectividade que eu sempre provarei com tabelas que tudo quanto eles alegam não passa de mentira.

Por hoje basta; e agradecendo a publicação desta mal amanhada exposição desde já lhe agradece reconhecido. — *Um que infelizmente tem estomago.*

# A peça "A Rival"

*(Continuação da 5.ª pagina)*

ria ter uma linha menos truanesca. Raul Carvalho, Delmiro Rego, Narciso Vaz e Julio Soares, em personagens, subsidiarias, com discreção e compostura.

A tradução da *Rival*, que não era facil, deu ensejo ao meu querido camarada José Paulo da Camara para revelar, mais uma vez, os seus excelsos predicados de homem de letras.

Estreiava-se Leitão de Barros, aguarelista, como scenografo-decorador de interiores. Felicito-o, bem como a Frederico Aires, seu colaborador, pela maravilha que os meus olhos contemplaram. O que lhes peço, em nome da arte e do bom gosto, é que façam substituir imediatamente aquelas portas horriveis do 1.º acto, que parecem caiadas.

* * *

Ao meu lado, um escritor teatral dizia para um critico, referindo-se a Palmira Bastos:

— Não posso com esta mulher.

O plebeismo da frase não o impediu, porém, de elegantemente e entusiasticamente a aplaudir quando a admiravel artista se adiantou ao proscenio a agradecer as efusivas manifestações do publico que enchia completamente a vasta sala do Politeama.

Inconsequencia dos genios!

*José Sarmento*

AS GRANDES EXCURSSÕES

# OS AMERICANOS EM LISBOA
## UM ALMOÇO DE 500 TALHERES NO MONUMENTAL

### Um espectaculo delicioso para uma grande fita cinematografica

De vez em quando a America lembra-se de carregar um paquete com *touristes* que vêm vêr a Europa e aí temos em Lisboa um colossal paquete de qualquer Line formidavel a descarregar americanos, que enchem a cidade de excentricidade e de ouro.

Agora coube a vez ao *Cameronia*, de 18:000 toneladas, belo navio da Cunard Line, que fretado pela famosa Cook & Son, trouxe para Lisboa 485 passageiros *touristes* em transito.

Por via do nevoeiro, o navio entrou a barra muito depois da hora marcada, tendo encalhado no Bugio em um banco de areia, de que se safou por seu proprio esfôrço, numa arrancada feliz.

A's 11 desembarcaram os *touristes*. Nada mais curioso do que esse desembarque e do que o primeiro desfile dos 200 treus com que a Cook preparou os pequenos passeios antes do almoço.

A maior parte dos passageiros em transito são de idade. Imaginai as americanas alouradas, mais ou menos excentricas de vestuario, esguias umas, gordas outras, carregadas de surpresa pela modestia das nossas instalações da Exploração do Porto. Vê-se que é tudo gente de dinheiro, sem alarde. Senhores idosos, tipos de industriais ou comerciantes, alguns padres, cabeças louras, esquisitas, oculos largos, fatos claros largos, muito largos, botas grossas, muito grossas, «kodacks» a tiracolo, binoculos, lentes em caixas apropriadas. Uma hora durou o desembarque. Mas não se imagine que eram só tipos comicos ou excentricos os que viajam; nem só pessoas de idade madura, nem só figuras caricaturais.

O *Cameronia* traz muitas familias na excursão da melhor linha inglesa, no vestuario, na fleuma, na graça calada das mulheres. Vimos mais de trinta graciosas figuras femininas, de um arranjo muito francês, elegancia e luxo, chapeus de palha ou feltro de côr berrante, *toilettes* leves, vaporosas, primaveras atrazadas, infantis, sorridentes, pernas altas, sáias curtas, meias de seda transparente. Algumas das gentis *miss* não desdenharam de tomar logar ao pé do cocheiro, ante a benevolencia das mães, oculos enormes, faces papudas ou, em contraste, chupadas, misticas, anatomicas.

Aqueles trens, duzentos, seguiram aos Jeronimos e ao Museu dos Coches, tudo em boa ordem, que nisso é a Cook mestra de cerimonias genial.

* * *

Como nota diremos que a Companhia Cook, que como se sabe é um colosso em todo o mundo, cobrou em New-York de cada um dos quinhentos passageiros do *Cameronia* 2.500 dolares. A excursão segue a Gibraltar, vai a Andaluzia, volta ao sul, vai á Côte d'Azur, toma o caminho de Napoles, corre as Italias, percorre o Mediterraneo, segue á Palestina.

Ao cambio de hoje a Companhia deve ter recebido em New-York cêrca de 17.000 contos.

Os viajantes admiraram os coches riais, coisa que na rica America não existe, pasmaram deante da talha, das pinturas, das riquezas em tecidos orientais, e nos Jeronimos— eles profanos, alheios, ignorantes—rodearam os tumulos de Vasco da Gama e de Camões, em manifesta admiração, inconsciente da realidade historica.

— Explendido!

O *clou* foi para eles o almoço do Monumental, de 500 talheres, o maior que ali se tem realizado.

O serviço foi explendido, fornecido pela gerencia de Morais & Salas, arrematantes do restaurante que dão hoje leis em banquetes monstros. Mobilizaram-se: Pratos, 5.000; copos, 4.500; talheres, 7.000; um quilometro em extensão de linhos de mesa; 500 quilos de fruta, centenas de caixas de vinhos ricos.

Faça-se a idéa do preço que teriam atingido no mercado as carnes, os peixes, as iguarias.

Os americanos comeram bem e beberam melhor. Foi um espectaculo delicioso, de um belo interesse cinematografico. O *Jazz-band* deliciou-os. Bateram palmas, gritaram, entusiasmaram-se, deram vivas.

Depois do almoço espalharam-se pela cidade, e compraram a altos preços o que muito bem lhes apeteceu, especialmente lembranças.

Nota: algumas americanas mostraram uma tendencia muito acentuada para os portugueses amorudos. E este facto foi celebrado ao almoço com entusiasticos *hurrahs!*

EM LOURENÇO MARQUES

# SUICIDIO DO SR. DR. ANTONIO AURELIO DA COSTA FERREIRA
## director da Casa Pia de Lisboa

**LOURENÇO MARQUES, 15—Ministro das Colonias—Lisboa—Comunico grande pezar suicidio dr. Antonio Aurelio da Costa Ferreira.—Alto Comissario.**

Noticia chocante. O dr. Antonio Aurelio da Costa Ferreira, homem de sciencia notavel, caracter integro, coração de excelente quilate, contava em Lisboa centenas de amigos dedicados que tão sentidamente, como nós, deplorarão o seu tragico fim.

Republicano austero, olhando a politica por um prisma cristalino, foi deputado, foi ministro, mas a breve trecho, desgostoso da fragilidade humana que impede muitas creaturas de trilhar o caminho direito, dedicou-se á Casa Pia, aos seus doentes e aos seus alunos. Dirigiu modelarmente aquele estabelecimento de caridade.

Todos lhe queriam; todos tinham para ele palavras de respeito e de admiração. Como medico, consumiu uma grande parte da sua inteligencia privilegiada e da sua energia, no estudo das creanças anormais, obtendo resultados que lhe valeram a veneração de sabios ilustres.

Pedagogo distintissimo, o dr. Antonio Aurelio da Costa Ferreira que se evidenciou desde os seus tempos de estudante, tendo feito com elevada classificação o seu curso de medicina, era professor da Universidade de Lisboa, onde regia com alta proficiencia a cadeira de antropologia.

Até agora não ha noticia dos motivos que o levaram a praticar tão desesperado acto. O sr. dr. Antonio Aurelio da Costa Ferreira tinha sido contratado para proceder em Moçambique a importantes estudos de antropologia. Chegara a Lourenço Marques apenas ha 15 dias.

O «Diario de Lisboa» apresenta a toda a familia do notavel sabio sentidissimas condolencias.

## *UMA PENDENCIA*

Não prosseguindo, por varios motivos, a pendencia entre o comerciante sr. João Carvalho e o capitão sr. Miguem dos Santos, do Comissariado dos Abastecimentos, as testemunhas daquele sr. resolveram processar este ultimo, por difamação e injurias.

O Comissariado Geral dos Abastecimentos informa-nos, a proposito do incidente que ha dias relatámos, havido entre os srs. capitão Miguel Santos e João de Carvalho, que este ultimo foi dispensado do serviço por ter praticado irregularidades provadas, e que, no respeitante a contas, o referido comissariado nada lhe deve, antes sendo certo que seja seu credor.

O TRIBUNAL DE DEFESA SOCIAL

# O INCIDENTE
## ENTRE OS JUIZES

### Uma carta do sr. dr. Mario Monteiro, advogado do reu Avelino de Castro

Com o pedido de publicação, recebemos a seguinte carta do sr. dr. Mario Monteiro, advogado do reu Avelino de Castro cuja condenação deu origem ao incidente entre o sr. dr. Joaquim Crisostomo, presidente do Tribunal de Defesa Social, e os vogais daquele tribunal srs. drs. Ferreira de Sousa e Barbosa Viana:

...*Sr. director*—Agora que o sr. dr. Joaquim Crisostomo, como presidente do Tribunal de Defesa Social, veiu a publico declarar qual o motivo porque assinara vencido a condenação de Avelino de Castro, meu cliente, cabe-me a obrigação de confirmar as suas declarações, comentando-as com pormenores.

Tratava-se dum rapaz que tendo encontrado uma bomba dentro de um mictorio, a levara para sua casa, a fim de a entregar a um policia conhecido, no intuito de se livrar de infundadas suspeitas.

Logo de madrugada, talvez por denuncia, teve a sua casa devassada pela autoridade policial, e, confessando a existencia do explosivo, foi preso, em harmonia com as leis vigentes. Mas a lei tambem isenta de culpabilidade o que procede sem intenção criminosa e sem culpa e, em tal ordem de ideias, apareceram no referido tribunal três testemunhas de defesa comprovando o achado da bomba.

A acusação apenas confirmou as declarações do reu cuja confissão fôra a maior prova de lial sinceridade. Como o sr. dr. Ferreira de Sousa, um dos vogais do T. D. S., procurasse, num interrogatorio demorado e capcioso, achar contradições entre os depoimentos apenas quanto ao trajecto seguido, minucia essa que não vinha para o caso, protestei como era do meu dever. E, por chamar *inquisitorial* a esse interrogatorio, o sr. dr. Ferreira de Sousa, profundamente irritado, declarou-se ofendido a ponto de pedir ao sr. dr. Crisostomo que procedesse contra mim. A questão azedou-se, sei que cheguei mesmo a ter pena de não merecer de facto as censuras do juiz irrequieto, e fiz-lhe vêr que s. ex.ª é que havia insultado uma testemunha que se vira obrigada a responder-lhe até desabridamente, facto esse que motivára a logica intervenção do outro vogal, sr. dr. Barbosa Viana. A irritação do sr. dr. Ferreira de Sousa, não querendo atender a razões, levou-o ao ponto de se querer ausentar da sala das audiencias, quando eu, como advogado, ia produzir a defesa—caso lamentavel que se teria dado se o sr. dr. Crisostomo não interviesse a tempo. Mas por aí se vê a disposição logo criada para condenar Avelino de Castro.

Só o presidente do tribunal, alheio a paixões ou a solidariedades prejudiciais a reus inocentes, soube cumprir o seu dever, assinando vencido. Para que não o julgassem destituido de razão, na propria sentença justificou que procedera assim por ter sido feita a prova cabal (com três testemunhas) de que o reu achara a bomba e não a conservara para seu uso. Onde está pois o mal praticado por aquele ilustre senador e juiz que procurou beneficiar um inocente? Esta é a verdade que certamente será tomada na devida conta pelo Supremo Tribunal em recurso de revista que requeri como advogado que está disposto a ir até onde seja preciso na defesa da verdade.— *Mario Monteiro.*

## Presidente do ministerio

O sr. presidente do ministerio partiu hoje de manhã para o Gerez, a fim de conferenciar com o chefe do Estado e submeter á sua assinatura varios decretos.

## O comandante da "Bengo,,

O comandante da canhoneira «Bengo», surta em Ponta Delgada, pediu ás estações competentes que lhe seja permitido vir a Lisboa, logo que termine a comissão que está desempenhando, visto o navio necessitar de fabrico.

## CAMBIOS
Dia 15

| | Comprador | Vendedor |
|---|---|---|
| Libra esterlina | — | — |
| Londres, cheque | 4 1\|64 | — |
| » 90 d. v. | — | — |
| Rio Londres | 7 25\|32 | — |
| Paris | 1$105 | — |
| Itália | $600 | — |
| Bélgica | 1$051 | — |
| Suiça | 2$550 | — |
| Espanha | 2$070 | — |
| Berlim | 29 | — |
| Holanda | 5$157 | — |
| Nova-York | 13$400 | — |
| Austria | — | — |
| T. Desc. Banco de Inglaterra | — | — |
| » » » » Portugal | — | — |
| Ágio do ouro | — | — |

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74